



Marie Rennotte, pedagoga e médica: subsídios para um estudo histórico-biográfico e médico-social

Marie Rennotte, educator and medical doctor: elements for a historical and biographical, social and medical study

Leonora De Luca

Mestre em sociologia e doutoranda em ciências sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
assisdeluca@directnet.com.br

João Bosco Assis De Luca

Médico pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
assisdeluca@directnet.com.br

Por ocasião das comemorações do sesquicentenário de nascimento da educadora e médica Marie Rennotte (1852-1942), começa-se a resgatar o significado da atuação pioneira dessa profissional belgo-brasileira no âmbito pedagógico e científico da São Paulo da virada do século XIX para o XX — apresentando-se aqui um esboço cronológico preliminar (acompanhado das indicações bibliográficas e documentais que lhe serviram de base) que permita aos pesquisadores de diferentes áreas aprofundar o estudo histórico-biográfico e médico-social exigido por suas qualidades pessoais e pela amplitude de sua atuação junto à coletividade paulista.

PALAVRAS-CHAVE: Marie Rennotte, sesquicentenário, história da medicina, história do pensamento.

At the time of Marie Rennotte's 150th birthday celebrations, a new focus on her meaningful actions as a Belgian-Brazilian pioneer professional in Education and Science in São Paulo at the turn of the 19th to the 20th centuries begins to take place. The present paper is a preliminary chronological draft with bibliography and recommended documents that will allow researchers from different areas to develop deeper historic, biographical, medical and social studies demanded by Rennotte's extraordinary personal dimensions and the unusual scope of her actions in São Paulo society.

KEYWORDS: Marie Rennotte, sesquicentennial, history of medical science, history of mentality.

Introdução

Cabelos loiros, olhos cinzentos, nariz reto, boca mediana, queixo arredondo, 160 centímetros de estatura: a descrição padronizada que constava do passaporte concedido a *mademoiselle* Marie Rennotte pelo consulado belga do Rio de Janeiro, em junho de 1885, pouco diferiria daquela registrada pelos documentos das muitas outras professorinhas européias que ainda aportavam na capital brasileira no final do Império à procura de trabalho depois de uma penosa viagem que implicava, na prática, a troca da dura realidade vigente em seu tumultuado e superpovoado Velho Mundo de origem pelos sonhos de auto-realização em uma jovem e promissora América.



Maria Rennotte provavelmente em sua colação de grau como médica, em 1892.

O que distingue essa moça de tantas outras, no entanto, é o singular percurso de sua vida nesse processo de auto-realização. Ao contrário da imensa maioria de suas colegas imigrantes, cujos nomes caíram no esquecimento, Marie Rennotte deixaria marcas profundas na São Paulo da virada do século XIX para o XX: depois de atuar como revolucionária pedagoga no interior da então província paulista dos anos 1880, iria graduar-se em medicina, instalando-se na capital paulista a partir de 1895 como obstetra e ginecologista, tomando-se pioneira entre as mulheres no exercício local da profissão médica. Em uma época em que a incipiente saúde pública limitava-se à preocupação mais imediata com o saneamento urbano, e em que a prática da medicina raramente excedia o plano da intervenção personalista nas camadas mais privilegiadas da sociedade, ela perseguia objetivos mais essenciais, inspirados nos valores libertários que haviam regido sua atuação como pedagoga.

A história dessa mulher incomum, cujo sesquicentenário de nascimento se comemorou em 2002, começa a ser resgatada, existindo ainda muito por ser esclarecido, tanto a respeito de sua vida como do complexo contexto social em que atuou — tarefa árdua que exigiria investigações em diferentes países e a observação de fontes impressas ou manuscritas que tendem a desaparecer com rapidez.

O presente trabalho, de dimensões modestas, tem, portanto, o duplo objetivo de assinalar a efeméride do sesquicentenário de Marie Rennotte e de fornecer os dados já disponíveis a seu respeito para os pesquisadores que venham a se interessar pelo esclarecimento do muito que sobre ela ainda permanece na obscuridade. Ordenamos os dados num perfil cronológico abrangente, alicerçado nas imprescindíveis indicações bibliográficas e documentais.

Cronologia

1852

Filha de pais belgas, Jeanne-Françoise-Joséphine-Marie Rennotte nasce em 11 de fevereiro (data que consta do Brevet de Capacité pour l'Enseignement Primaire, concedido em 1875), na Bélgica, em Wandre, pequena comuna fornecedora de carvão-de-pedra para as indústrias metalúrgicas da Wallonie, situada nos arredores de Liège.

1874

Aos 22 anos recebe seu certificado de conclusão do curso normal. No documento, datado de 19 de julho, são destacados seus desempenhos no domínio musical e nas línguas francesa e alemã (Société pour l'Instruction Élémentaire, Paris).

1875

Após exames realizados em Paris, é considerada apta para a obtenção, em 20 de julho, do Brevet de Capacité pour l'Enseignement Primaire, concedido em caráter oficial pela recém-constituída República francesa.

1878

Aos 26 anos, chega ao Brasil, em maio de 1878 (1879, segundo Ana Maria de Revoredo, mencionada adiante). Aportou no Rio de Janeiro, onde teria permanecido até 1882, desempenhando a função de preceptora ou lecionando em colégios particulares.

1880

Morre no Rio de Janeiro, em 20 de maio, Ana Néri (1814-80), precursora da enfermagem científica no Brasil, voluntária de excepcional atuação no *front* da guerra do Paraguai (1864-70). Como sua morte ocorreu poucos meses depois do falecimento do general Osório e poucos dias depois da morte do duque de Caxias, o sepultamento, no dia seguinte, se dá em meio a extraordinárias solenidades, sendo provável que Rennotte fizesse parte do cortejo que acompanhou os despojos de Ana Néri até o cemitério.

1882

Contratada pelo Colégio Piracicabano, inovador internato feminino inaugurado em 13 de setembro de 1881 pela missionária metodista norte-americana Martha Watts, na florescente cidade de Piracicaba (SP). Rennotte assume a responsabilidade pela orientação educacional da escola e pelo ensino de ciências naturais, ministrado com metodologia revolucionária para a época. Adota referenciais intuicionistas, cientificistas, positivistas e evolucionistas que vinculam sua pedagogia a Rousseau, Pestalozzi, Froebel, Comte e Spencer. Conta com o apoio das facções mais progressistas da região (liberais, republicanas, maçônicas e abolicionistas), em especial dos influentes irmãos ituanos Morais Barros (Manuel e Prudente, futuro presidente da República), então radicados naquela cidade.



Símbolo do Colégio Piracicabano, internato feminino de onde Maria Rennotte foi orientadora educacional.

1883

O sucesso do Colégio Piracicabano provoca a reação das facções antiliberais e ultramontanas do interior da província de São Paulo. Preteridas na captação de novas alunas, as irmãs de São José, mantenedoras do Colégio de Nossa Senhora do Patrocínio (da vizinha cidade de Itu), promovem uma campanha de difamação contra as professoras da nova escola. Em defesa da instituição à qual pertence, a professora Rennotte apela para a imprensa local (*Gazeta de Piracicaba*, fundada em 1882) e da capital da província, fazendo publicar artigos nos quais, em meio a colocações vigorosas e incisivas, manifesta sua oposição às práticas obscurantistas e retrógradas então vigentes no

ensino tradicional e prega a educação feminina como via preferencial para a emancipação da mulher. A instalação da ordem das irmãs de São José em Piracicaba é adiada por dez anos: o Colégio de Nossa Senhora da Assunção só seria inaugurado lá em 1893.

1885

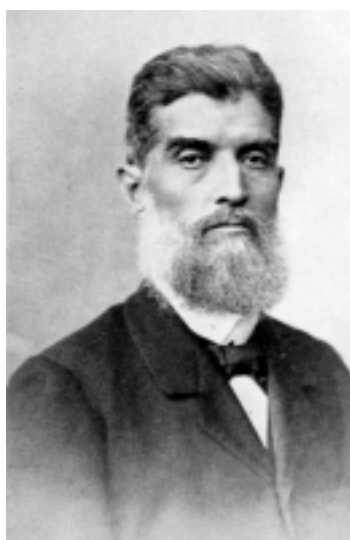
Por ocasião de sua viagem a Buenos Aires (talvez a serviço das missões metodistas), em 30 de junho, Marie Rennotte recebe novo passaporte, de número 204, concedido pelo consulado geral da Bélgica no Rio de Janeiro.

1888-89

Colabora com Josefina Álvares de Azevedo (1851- ?) em matérias doutrinárias para o jornal feminista *A Família*, publicado na capital paulista desde 1888 (transferido para o Rio de Janeiro em maio de 1889). Rennotte inclui-se, assim, na plêiade de jovens intelectuais reunidas em torno desse periódico, figurando ao lado de mulheres predestinadas a compor, na virada do século XIX para o XX, um quadro da inteligência feminina nacional: mulheres como Anália Franco, Zalina Rolim, Narcisa Amália, Júlia Cortines, Revocata Heloísa de Melo, Maria Clara da Cunha Santos, Prisciliana Duarte de Almeida, Inês Sabino e Júlia Lopes de Almeida.

1889

Aos 37 anos, um ano depois da promulgação da Lei Áurea, a professora deixa o Brasil rumo aos Estados Unidos, onde permanecerá nos próximos três anos (o carimbo apostado ao passaporte pela Secretaria de Polícia da Corte traz a data de 23 de junho). Cinco meses depois, em 15 de novembro, Deodoro da Fonseca proclama a República e, em 14 de dezembro (na ausência da mestra belga, portanto), decreta a naturalização compulsória de todos os estrangeiros residentes no país, “salvo declaração em contrário”. Por essa época, acelera-se a carreira política de Prudente José de Moraes Barros (1841-1902): integrante, até fins de 1889, da junta governativa republicana provisória, torna-se o primeiro presidente do estado de São Paulo (de 1890 a 1891). Nessa curta passagem pela administração estadual, declaradamente inspirado nas experiências pedagógicas do Colégio Piracicabano, ele deflagra radical



Prudente José de Moraes Barros, por volta de 1895, amigo de Rennotte desde os anos 1880, quando residiam em Piracicaba.

reestruturação do ensino paulista. Tendo como executores iniciais os médicos Caetano de Campos (1844-91) e Cesário Mota (1847-97), a reforma será implementada pelos governos estaduais subsequentes.

1892

Aos quarenta anos, Marie Rennotte gradua-se em medicina pela Woman's Medical College of Pennsylvania, faculdade criada na cidade de Filadélfia (EUA) em 1850 (o diploma é datado de 5 de maio). Não será certamente a primeira mulher a exercer a profissão médica no Brasil: em 1881, a carioca Maria Augusta Generoso Estrela (1860-1946) já se tornara a primeira brasileira graduada em medicina, em Nova York (EUA); e em 1887, a gaúcha Rita Lobato Velho Lopes (1866-1959) se transformara na primeira médica brasileira formada em seu próprio país (Salvador, BA). A elas seguiram-se outras pioneiras desta ou daquela região do Brasil. Mas, ao que tudo indica, Rennotte seria a primeira mulher médica estabelecida (em caráter permanente) na cidade de São Paulo. Nesse mesmo ano de 1892 nascia, na capital paulista, a futura pedagoga e médica Carlota Pereira de Queiroz (1892-1982). Relataria ter-se inspirado no modelo profissional fornecido pela doutora Marie Rennotte ao dedicar-se a pesquisas clínicas, efetuadas paralelamente a importantes trabalhos de intervenção médico-social. A doutora Carlota Pereira de Queiroz desempenharia, ainda, o papel de primeira mulher deputada federal do Brasil na Constituinte de 1934 e no período transcorrido entre 1935 e 1937.

1893-95

As atividades da recém-formada doutora Rennotte neste intervalo de dois a três anos são esclarecidas por Ana Maria de Revoredo: retorna à França e aperfeiçoa-se em ginecologia, obstetrícia e neonatologia; freqüenta os hospitais parisienses Hôtel-Dieu, reestruturado em meados do século XIX pelo célebre Armand Trousseau (1801-67), e Saint-Louis, de reconhecida eficiência no tratamento de doenças venéreas e cutâneas. No Brasil, Prudente de Morais é eleito presidente da República para o quadriênio 1894-98, depois de ter presidido a Constituinte de 1891 e de atuar como senador na legislatura de 1891-94; empossado em 15 de novembro de 1894, torna-se nosso primeiro presidente civil, encerrando o lustro de militarismo vigente sob Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto.

1895

Decidida a fixar-se definitivamente no Brasil, Rennotte retorna à capital federal onde, em 26 de março, obtém a validação de seu diploma. Perante banca organizada pela cadeira de higiene e mesologia da Faculdade de Medicina e de Farmácia do Rio de Janeiro, chefiada por Benjamin Antônio da Rocha Faria, Rennotte defende tese intitulada *Influência da educação da mulher sobre a medicina social*, publicada pela editora carioca Typographia Aldina. Já na capital paulista, em

meados daquele mesmo ano, é admitida na recém-instituída Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, entidade que elegeu em 24 de fevereiro seu primeiro presidente, o culto cirurgião fluminense Luís Pereira Barreto (1840-1923).



Folha de rosto da tese de Maria Rennotte, apresentada à Faculdade de Medicina e de Farmácia do Rio de Janeiro, em 1895.

1895-97

São Paulo é a cidade que Marie Rennotte escolhe para atuar. Na substituição acelerada da mão-de-obra escrava pelo braço do imigrante estrangeiro, a metrópole do café salta de cinquenta mil habitantes, em 1886, para os 240 mil recenseados em 1900. Agudizam-se os problemas preexistentes no saneamento básico e na saúde da população que se aglomera desordenadamente nos bairros centrais. A médica intervém nesse universo caótico em todos os níveis, atendendo mulheres mais abonadas a domicílio ou em consultório particular, e as desfavorecidas em ambulatórios ou enfermarias hospitalares. Testemunha ocular dessa atuação, Jorge Americano relata, em suas memórias, que figuras notórias como a parteira madame Laborde e a doutora Rennotte chegavam às residências de seus clientes em tálburis, carregando volumoso instrumental obstétrico; contribuíram, assim, para alimentar a crença infantil de que as crianças recém-nascidas não se originavam de suas mães: eram trazidas para suas casas dentro daquelas bojudas maletas.

O hospital de isolamento inaugurado em São Paulo em 1894 (foto reproduzida de Wright, 1901).



Tomada do Largo da Sé por volta de 1900. O prédio com cúpula situado na esquina da rua Direita abriga a Casa Baruel, mantenedora de uma das mais célebres drogarias de São Paulo na *belle époque* (foto reproduzida de Wright, 1901).



Viaduto Santa Ifigênia, com a igreja do mesmo nome ao fundo, em meados de 1910. A Escola Livre de Farmácia, inaugurada em 1899, fica na ladeira de Santa Ifigênia (foto reproduzida no álbum *Sociedade Hípica Paulista: 75 anos*, organizado por Margarida Cintra Gordinho, 1987).

1896

A imprensa paulistana veicula, em outubro, a informação de que a doutora Marie Rennotte apóia abertamente a professora Leolinda Daltro (c. 1860-1935) em sua proposta, muito polêmica na capital federal, de embrenhar-se pelos sertões de Goiás para dar assistência às populações indígenas ameaçadas de extinção.

1897-1900

Neste período, é editada em São Paulo a “revista literária dedicada à mulher brasileira”, *A Mensageira*, dirigida pela poetisa mineira Prisciliana Duarte de Almeida (1867-1944). No primeiro número, Marie Rennotte é elogiada por seu trabalho junto à recém-criada Maternidade de São Paulo, dirigida, desde sua fundação, em 1894, pelo doutor Bráulio Gomes (1854-1904). O nº 9 veicula breve ensaio da médica, no qual retoma sua exortação pela maior participação feminina na vida social, tema já abordado na tese de doutoramento de 1895.

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brasileira

Directora — Presciliana Duarte de Almeida

Esta revista garante a sua publicação durante um anno.

Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mex.

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12\$000 por anno Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Numero avulso Rs. 1\$000
---------------------	--	-----------------------------

Quer novas oas, novas estrelas
brilhando com duplo fulgor,
e em noites claras, lançar pelas
aguas do mar noções de amor.

Milha galera eila, formosa,
para o infinito viajar...
(O cor tornou-se cor de rosa,
idéas a terra, idéas o mar).

Ora me resta uma empreitada,
que eu vou, soffrendo, concluir:
— dizer adeus á minha avada,
dizer adeus — e após partir.

Dizer adeus — sem ter coragem
de a mão tirar de sua noção,
e pensar longa a viagem,
sem seu luar, sem seu clarão...

Entanto irei. Que a luz estende
os níveos raios de chrysal
no seu palácio — nívea tenda,
ao pé de espesso bambal.

All dentro em pouco a luz deve
o espaço todo illuminar:
(a terra logo será rosa,
idéas o cor, idéas o mar).

CANDIDO DE CARVALHO.



A mulher é uma força activa na sociedade

Il y a dans l'âme une force
qui, la portait hors d'elle-même
vers l'idéal ou l'infini.
BERNARDIN DE S. PIERRE.

Hoje, que a instrução principia
a espalhar-se mais geralmente; que
se fazem estudos mais profundos;
que o espirito, este agente livre,
du occupa-se tanto da sciencia, mo-

vimento e das forças que o produzem, o homem ainda, devido á razões que não se explicam, desconfia de uma força que elle tem sob a sua mão — esta força é a mulher.

Se na linguagem da mecanica definimos «a força» a causa que determina o movimento ou as suas modificações, podemos dizer que a mulher é o agente que impelle a uma geração os movimentos ou tendencias para o bem ou para o mal. Debaixo da acção continua de sua mão a criança segue naturalmente a direcção que esta lhe traça ou impõe, e necessariamente o filho move-se na direcção da força unica á qual elle está submettido.

Quando eu digo: o corpo submettido á uma força unica move-se na direcção desta força, não pretendo negar a acção do pai nem excluir-o ou dispensal-o do dever de cuidar da educação de seus filhos, não; mas sim, mencionar este facto quasi geral que, ao pai incumbindo a tarefa de subministra ás necessidades da familia, não lhe é possível, muitas vezes, por causa de ausencia forçada ou outras razões, ter constantemente seus filhos debaixo de seus olhos; portanto é sobre a mãe que recae este dever.

Conseqüentemente é ella que dirige, que implanta, dirige as primeiras impressões, os primeiros sentimentos no coração dos filhos.

Queremos que esta acção que ella opera sobre as jovens creaturas seja proveitosa, util á humanidade? Devemos trabalhar para que o espirito da mulher seja esclarecido; para que sua intelligencia seja cultivada, afim de que ella saiba distinguir o bem do mal, o falso do justo, a verdade da mentira e da superstição; afim de que ella seja capaz de formar o caracter de seus filhos voltendo, encaminhando os seus pensamentos para o bello, o bom e o real; é necessario emfim dar á mulher o pó do vida que é a instrução baseada sobre o fundamento de uma moral sã. Com esta arma que vence sem espalhar sangue, que conquista sem devastar ou assolar, a mulher torna-se forte, e é então que se pode dizer com Legouvé:

«O femmes! c'est a tort qu'on
vous nomme timides
A' la voix de vous crier vous
êtes intrépides.»

— Se a intensidade de uma força se aprecia comparando ou referindo-a á uma outra força de igual natureza tomada por unidade pode-se facilmente avaliar a superioridade da mulher educada (no verdadeiro sentido) sobre a ignorante, considerando o que pode, em uma casa, a prudencia da mulher, para sustental-a, para nella fazer nascer ou manter o confort,

tavel, o be
reinar a pu

Justo é
triz ou me
me esprim
aquella qu
movimento
tribuindo á
accleração
vimento, e
ignorante e
tido contrar
ou exílio
progresso.

Instruindo
acha nella
panheira, m
não unicame
filhos, mas
mãe, capaz,
chefe, de det
familia e os
cultura do e
sultará que,
as do marido
desta combin
piritos, surg
saltante de
pentes que
esforços, mas
vimento, a m

A

, o bem estar, para no lar fazer
 r a paz, a harmonia, a união.
 sto é pois, chamar força mo-
 tu modera (se eu assim posso
 u sprimir) a mulher instruida,
 la que actua no sentido do
 nento ou adiantamento, con-
 ndo total ou parcialmente na
 eação ou produção deste mo-
 to, e força de resistencia ou
 nte aquella que actua do sen-
 trario; isto, é diminuindo
 fluuindo o movimento ou
 so.
 ruindo a mulher, o homem
 ella não semente uma conse-
 ra, mais ainda, um auxilio;
 camente uma ama para seus
 mas sim, uma verdadeira
 paz, no caso da morte do
 le defender os interesses da
 e os bens dos orphãos. Da
 do espirito da mulher re-
 que, entre as suas idéas e
 marido haverá afinidade e
 mbinação ou união dos ee-
 surgirá a força; a força re-
 de dois agentes ou ocm-
 que não neutralisarão seus
 , mas sim acclerarão o mo-
 , a marcha do progresso.

M. RENNOTTE.



17



18



19

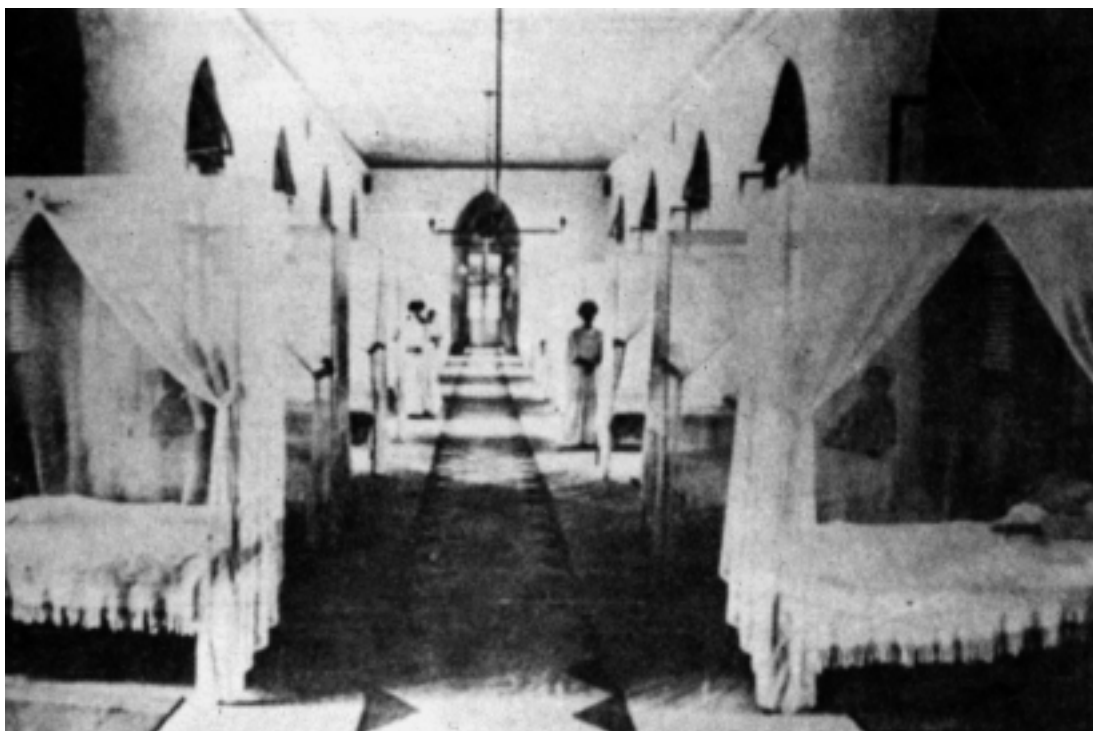


20

Entre os colaboradores de *A Mensageira*, Rennotte e Anália Franco destacam-se, entre outras figuras, como a diretora da revista, Prisciliana Duarte de Almeida (nº 18); seu marido, Silvio de Almeida (nº 19); a educadora Zalina Rolim (nº 17) e a poetisa Francisca Júlia da Silvia (nº 20), nos desenhos acima (ilustrações reproduzidas de Freire, 1916).



Fachada da Santa Casa da Misericórdia de São Paulo na década de 1920 (foto reproduzida de Lacaz, 1985).



Enfermaria ginecológica de mulheres na Santa Casa de São Paulo, onde Renotte atuou como médica (foto reproduzida de Carneiro, 1986).

1898

A paulista Pérola Byington é mencionada no nº 7 de *A Mensageira* como pioneira, ao lado de Irene Ferreira Lopes, na frequência feminina ao curso anexo à Faculdade de Direito de São Paulo, preparatório para o ingresso em instituições de ensino superior. Nascida Pérola Ellis McIntyre (1879-1963), era filha de uma ex-aluna do Colégio Piracicabano, a educadora Mary Ellis McIntyre (c. 1860-1928), emigrada do Sul dos Estados Unidos para o Brasil ainda criança. Diplomada pela Escola Normal Caetano de Campos, Pérola Byington chegou a exercer o magistério, mas deixou de lado a intenção de se tornar advogada para se casar, em 1901, com o rico industrial norte-americano Alberto Jackson Byington. Foi a mais notória ativista 'leiga' no setor de promoção de saúde na São Paulo da primeira metade do século XX, especialmente no âmbito da atenção à saúde materno-infantil, tornando-se por esse motivo membro honorário da Sociedade Brasileira de Pediatria e inaugurando, poucos anos antes de seu falecimento, o hospital paulistano denominado, em sua homenagem, Hospital Pérola Byington.

1899

Instalação, em 13 de fevereiro, da Escola Livre de Farmácia de São Paulo, dirigida pelo médico Bráulio Gomes, que se propunha, inclusive, a proporcionar ali maiores oportunidades de profissionalização às mulheres. O evento contou com ampla cobertura de *A Mensageira*, no nº 26.

1901

Marie Rennotte torna-se, em 4 de maio, a primeira mulher admitida no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), fundado em 1894 por intelectuais radicados na capital paulista. Apresentada aos consócios por Dinamérico Rangel e por dois escritores estreitamente vinculados a dona Viridiana Prado, Orville Derby e um dos filhos mais novos da matriarca, Eduardo Prado (1860-1901), ali iria conviver com influentes colegas médicos, como o já mencionado Pereira Barreto, ou com mestres de renome, como o professor Sílvio de Almeida (1867-1924), marido de Prisciliana Duarte.



Maria Renotte foi a primeira mulher admitida, em 1901, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. O brasão foi criado pelo professor João Vieira de Almeida quando o instituto foi fundado, em 1894.

1902

Morre em Piracicaba, em 3 de dezembro, o ex-presidente Prudente de Moraes. Em abril do ano seguinte, o jornal *O Estado de S. Paulo* homenageia-o abrindo subscrição para a execução de um monumento tumular: parte da doutora Marie Rennotte a contribuição mais vultosa, no valor de quinhentos mil-réis (meio conto de réis).

1905

Em 1º de março torna-se sócia efetiva da Associação Médica Beneficente de São Paulo, então presidida por Arnaldo Vieira de Carvalho, que tinha como secretário e tesoureiro, respectivamente, os colegas médicos Teodoro Bayma e Nicolau de Moraes Barros (sobrinho de Prudente de Moraes). Em 9 de junho 1905, recebe o diploma de sócia benemerita do Asilo e Creche da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva (de São Paulo), entidade assistencial fundada e dirigida por uma amiga, a pedagoga espírita Anália Franco (1853-1919). Radicado em São Paulo desde os primeiros dias da República, analisa e organiza, ao longo de três décadas de trabalho incessante, uma das mais notáveis redes de amparo a crianças e jovens carentes de que se tem notícia no país.

1908

No dia 5 de dezembro é oficializada a fundação da Cruz Vermelha Brasileira, cujo quadro inaugural conta com Oswaldo Cruz (1872-1917) como seu presidente de honra e com Marie Rennotte como organizadora da regional paulista.

1912

Torna-se, em 20 de dezembro, sócia honorária da União Cooperativa Familistariana do Brasil (sediada no Rio de Janeiro), instituição “humanitária, filantrópica e patriótica, cujo fim é a união de todos aqueles que sentem a necessidade de um melhor estado de civilização”. O curioso diploma conservado pelo IHGSP, contendo alusões ao célebre familistério de Jean-Baptiste-André Godin (1817-88) e à democracia cristã de Leão XIII (1810-1903), sugere uma possível filiação da médica à corrente neocristã derivada do socialismo utópico de Charles Fourier (1772-1837).

1913

Instalação da Faculdade de Medicina de São Paulo, sob a direção do antigo colega de Marie Rennotte, Arnaldo Vieira de Carvalho. A aula inaugural, em 2 de abril, é proferida por Edmundo Xavier, lente da Escola Livre de Farmácia de São Paulo e futuro diretor da nova faculdade. Em 1918, formará sua primeira turma, na qual já se incluem duas médicas, Délia Ferraz e Odete Nora. Ao se casarem com dois colegas de turma, respectivamente Flaminio Fávero e Altino Augusto de Azevedo Antunes, assumem os nomes de Délia Ferraz Fávero e Odete Nora de Azevedo Antunes.

1918-19

No verão de 1918-19, a gripe espanhola atinge o Brasil. Em São Paulo, como no Rio de Janeiro, contam-se aos milhares as vítimas fatais da epidemia, entre elas um colega da Santa Casa (o doutor Teodoro Bayma) e uma querida amiga da doutora Rennotte (a professora Anália Franco). Ainda assim, a médica permanece na capital paulista dando assistência a suas pacientes.

1922

Ao completar setenta anos, Marie Rennotte profere, em 6 de fevereiro, no IHGSP, uma conferência “calorosamente aplaudida” em homenagem a Isabel de Bragança (1846-1921), herdeira do trono brasileiro, falecida três meses antes. Ao final da apresentação, a médica é elogiada por um consócio católico, monsenhor Ezequias Galvão da Fontoura (1842-1929), fato que ilustra a prática (entre ambos, pelo menos) de uma postura ecumênica avançada para a época. Na semana seguinte, em 13 de fevereiro, a doutora Rennotte oficializa a doação ao instituto de um aparelho projetor de transparências.

1923

Em sessão datada de 5 de março, Rennotte disserta, perante os consócios do IHGSP, sobre a ‘Mãe dos brasileiros’, Ana Néri, em conferência “copiosamente ilustrada com projeções luminosas”. A diretoria da entidade acata um pedido da oradora: que se constituísse uma comissão para estudar a viabilidade da construção de um monumento em homenagem à pioneira da enfermagem no Brasil. Integram essa comissão, designada na mesma data, Marie Rennotte, Pedro Dias de Campos e Félix Soares de Melo.

1924

Um levante militar tenentista, deflagrado em 5 de julho, mantém a população da capital paulista à mercê de combates que persistem até o final do mesmo mês. Ocupada pelos revoltosos, São Paulo sofre o bombardeio das tropas legalistas federais que haviam sitiado a cidade, chegando a quinhentos o número de mortos e a cerca de cinco mil o número de feridos (civis, em sua maioria). O Hospital da Santa Casa da Misericórdia é esvaziado para o atendimento exclusivo das vítimas do conflito, chegando a abrigar três mil pessoas; mas a setuagenária doutora Rennotte não se encontra entre os médicos que lá permaneceram para dar atendimento aos feridos: ela encarregara-se de organizar pessoalmente uma enfermaria extranumerária improvisada nas dependências do antigo Teatro Colombo, localizado no bairro do Brás.

1925

Comparecendo à cerimônia realizada em 26 de março na sede nacional da Cruz Vermelha Brasileira (Rio de Janeiro), durante a qual

se inaugura um retrato de Ana Néri, Marie Rennotte encerra a solenidade discursando a respeito da vida e da obra da homenageada.

1929

Em sessão datada de 25 de outubro, Rennotte profere nova conferência no IHGSP, versando sobre o tema ‘A mulher brasileira na história’, em que menciona a lendária figura de Joana d’Arc, contrapondo a ela a heróica atuação das brasileiras Anita Garibaldi e Ana Néri.

1932

Já com oitenta anos completados em fevereiro, a doutora Rennotte não tem mais condições de atuar diretamente no atendimento aos paulistanos atingidos pelos conflitos que se seguiram à eclosão da revolução constitucionalista e que persistirão ao longo dos meses de julho, agosto e setembro de 1932. Quem assume papel semelhante àquele desempenhado pela médica belga na revolução de 1924 é a doutora Carlota Pereira de Queiroz, que se coloca à frente da seção paulista da Cruz Vermelha para organizar um grupo de setecentas voluntárias que receberão rápido treinamento especializado para o atendimento do grande número de feridos abrigados na capital do estado.

1935

Idosa, “surda e quase cega”, Marie Rennotte visita os consócios do IHGSP em 8 de outubro para pedir que se tomem providências no sentido de preservar uma velha carruagem que servira, em passado remoto, como meio de transporte ao regente Feijó e ao imperador Pedro II.

1938

Em decorrência da repercussão obtida na imprensa paulistana por uma campanha encetada pelo jornalista Mário Guastini (1884-1949), o interventor federal paulista José Joaquim Cardoso de Melo Neto assina decreto concedendo à médica octogenária, desprovida de recursos e “em precárias condições”, uma pensão vitalícia no valor de mil cruzeiros mensais, quantia suficiente para uma manutenção condigna.

1942

Marie Rennotte morre na madrugada ou na manhã do sábado dia 21 de novembro, e não na data até agora divulgada de 23 de novembro pelos registros do IHGSP. O corpo é velado na casa situada na rua João Moura, 427 (em Pinheiros, SP), nas proximidades do local onde estava sendo construído o moderno Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), inaugurado em 1944. O sepultamento ocorre na tarde do mesmo dia, no Cemitério dos Protestantes (da rua Sergipe, Consolação). Estamos em plena Segunda Guerra Mundial. *O Estado de S. Paulo* publica o primeiro necrológico no

dia seguinte, em meio a um noticiário que destaca os avanços das forças aliadas no *front* do Pacífico Sul, e que evidencia, no Brasil do Estado Novo, os fortes vínculos existentes entre Vargas e o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Em 24 de novembro, o mesmo diário paulistano publica matéria assinada por Mário Guastini com reminiscências pessoais. Em 30 de dezembro, uma reportagem do mesmo jornal é complementada pela transcrição do discurso com o qual Ana Maria de Revoredo homenageara a doutora Rennotte, em nome da Cruz Vermelha Brasileira, durante cerimônia realizada na capital paulista no início de dezembro.

1943

Em 5 de fevereiro, é a vez do IHGSP reverenciar a memória dos consócios falecidos no ano anterior, encarregando-se Félix Soares de Melo de fazer o elogio fúnebre de Marie Rennotte.

2001

Por iniciativa de Nelly Martins Ferreira Candeias, que, em janeiro de 2002, assume a presidência da instituição, tornando-se a primeira mulher a exercer o cargo, o IHGSP comemora o centenário da admissão da doutora Rennotte, em sessão solene realizada no dia 4 de maio. Especialmente convidadas para o evento, estiveram presentes, entre outras personalidades, a veterana historiadora Myriam Ellis (consócia admitida em 1951), a ex-senadora paulista Eva Blay e a professora Zuleica Mesquita (pesquisadora da história do Colégio Piracicabano). Proferiram conferências pertinentes à efeméride, após dissertação introdutória da professora Nelly Candeias, Maria Lúcia Spedo Hilsdorf (sobre 'Rennotte educadora') e Maria Lúcia de Barros Mott (sobre 'Rennotte médica'). Na mesma ocasião, inaugura-se exposição iconográfica idealizada por Nelly Candeias e Ricardo Bogus, e executada por Eliane Cristina Lopes Nassif, Leda Rodrigues Ramos Lamotta e Brás Giro Gallotta. São exibidos os documentos originais conservados pelo instituto (todos descritos na presente cronologia) e ressaltadas as presenças, na São Paulo novecentista, daquelas três ilustres seguidoras da mestra belga: Mary Ellis McIntyre, sua filha Pérola Byington e a médica Carlota Pereira de Queiroz.

2002

Comemoração, em 11 de fevereiro, do sesquicentenário do nascimento de Marie Rennotte.

BIBLIOGRAFIA ANALÍTICA

- Alves, Odair Rodrigues *Os homens que governaram São Paulo*. São Paulo, Livraria Nobel/Edusp, 1986. Compêndio útil para a caracterização dos governos paulistas no período transcorrido entre 1889 e 1942, isto é, de Prudente de Moraes até a gestão do interventor Fernando de Sousa Costa, durante a qual ocorre o falecimento de Rennotte (pp. 113-56).
- Amaral, Antônio Barreto do *Dicionário de história de São Paulo*. São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1980. Condensando em um só volume várias décadas de pesquisas realizadas pelo historiador Barreto do Amaral (1903-95), este dicionário facilita o trabalho de investigação ao trazer verbetes tanto de natureza biográfica (Prudente de Moraes, Rangel Pestana, Caetano de Campos, Cesário Mota, Bráulio Gomes, Arnaldo Vieira de Carvalho, Orville Derby, Eduardo Prado etc.) como de natureza temática (Escola de Farmácia, Faculdade de Medicina, governo provisório, Instituto Histórico e Geográfico, Santa Casa da Misericórdia de São Paulo etc.).
- Americano, Jorge *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*. São Paulo, Saraiva Livrários Editores, 1957. Primo de Prisciliana Duarte, Jorge Americano (1891-1969) publicou, entre 1957 e 1963, uma trilogia memorialística da qual este é o primeiro volume. Paulistano de nascimento, um dos primeiros reitores da USP (criada em 1934), Americano relembra a atuação de parteiras (como madame Laborde) e obstetras (como a doutora Rennotte) que faziam o atendimento domiciliar local na virada do século XIX para o XX, contribuindo para enriquecer o imaginário infantil com fantasiosas teorias a respeito do nascimento dos bebês (p. 483).
- Assis, José Eugênio de Paula *Prudente de Moraes: sua vida e sua obra*. São Paulo, edição do autor (s. n. t.), 1976. Detalha, nas pp. 257-8, o episódio relativo à subscrição aberta pelo jornal *O Estado de S. Paulo* para a construção do monumento-túmulo de Prudente de Moraes, em 1903.
- Bernardes, Maria Thereza Caiuby Crescenti *Mulheres de ontem?: Rio de Janeiro — século XIX*. São Paulo, T. A. Queiroz Editor, 1989. Resultante da tese de doutoramento (USP, 1984) orientada por Maria Isaura Pereira de Queiroz, este livro mapeia a produção literária feminina brasileira da segunda metade do século XIX, aí incluindo excertos das diferentes colaboradoras do jornal de Josefina Álvares de Azevedo, *A Família* (destacando-se menções a Marie Rennotte nas pp. 114 e 208; e, na p. 135, nota biográfica acompanhando a transcrição de um excerto datado de 1889).
- Bittencourt, Adalzira *A mulher paulista na história*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1954. Inclui informações pouco precisas, mas muito interessantes, à medida que a autora baseia-se freqüentemente em fontes orais ou tradicionais da própria comunidade paulistana, a respeito de Anália Franco (pp. 145-9), Pérola Byington (p. 155), Viridiana Prado (pp. 178-80) e Carlota Pereira de Queiroz (p. 281).
- Candeias, Nelly 'Em nome da mulher'. *Jornal da USP*, São Paulo, ano XV, nº 550, 14 a 20 de maio de 2001, pp. 10-1. Texto correspondente à conferência proferida pela autora na cerimônia realizada no IHGSP, por iniciativa dela mesma, por ocasião do centenário da admissão de Marie Rennotte na entidade.
- Carneiro, Glauco *O poder da misericórdia: a Irmandade da Santa Casa na história social e política da cidade de São Paulo — 1560-1985*. São Paulo, Press Gráfica, 2 vols., 1986. História da Santa Casa da Misericórdia paulistana, com especial enfoque no relacionamento entre seus dirigentes e a maçonaria; importante fonte de informação a respeito das atividades do segundo dirigente médico da Santa Casa, Arnaldo Vieira de Carvalho, formado no Rio de Janeiro em 1888, diretor clínico daquele hospital desde 1894. Nas pp. 440-1 do vol. I mencionam-se nominalmente os 12 médicos adjuntos que compõem o corpo médico de 1906, entre eles Nicolau de Moraes Barros e Teodoro Bayma, além da própria Marie Rennotte. No mesmo vol. I, pp. 455-8, descrevem-se as dificuldades sofridas

- pela instituição durante a gripe espanhola (aí incluída a perda de Teodoro Bayma); já no vol. II, pp. 468-80, delinea-se o quadro provocado pelas revoluções de 1924 e 1932 na capital paulista.
- Cintra Gordinho, Margarida (org.) *Sociedade Hípica Paulista: 75 anos.* São Paulo, Marca d'Água, 1987.
- Corrêa, Mariza 'Os índios do Brasil elegante & a professora Leolinda Daltró'. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 9, nº 18, ago.-set. 1989, pp. 43-65. O vínculo entre a controvertida pedagoga baiana Leolinda Daltró e a médica belga recém-estabelecida na capital paulista é confirmado neste artigo, em que se comenta fato divulgado pela imprensa paulistana em outubro de 1896: a doutora Marie Rennotte ("uma amiga da instrução, isto é, do povo"), abre uma lista de subscrição pública oferecendo à pedagoga um auxílio imediato no valor de cem mil-réis (comprometendo-se a continuar contribuindo mensalmente com a quantia de quarenta mil-réis, se preciso fosse) para o financiamento da expedição que Leolinda efetivamente levará a cabo, com o objetivo de dar instrução não-sectária a indígenas semi-aculturados dos sertões de Goiás.
- Cunha, Maria Iza Gerth da *Educação feminina numa instituição total confessional católica: Colégio Nossa Senhora do Patrocínio.* Dissertação de mestrado, São Paulo, FFLCH-USP (mimeo.), 1999. São de particular interesse na tese dessa historiadora da educação as considerações contidas no primeiro capítulo ('A congregação de São José de Chambéry e o ideal de difusão educativa', pp. 16-46), relativas aos pressupostos ideológicos e político-religiosos que norteavam o ensino ministrado por esse conhecido colégio feminino da cidade de Itu, situado em campo antagônico com relação às propostas laicas e progressistas do Colégio Piracicabano.
- De Luca, João Bosco Assis 'Homenagem à dra. Marie Rennotte (1852-1942)'. Suplemento Cultural nº 119 do *Jornal da Associação Paulista de Medicina*, set., pp. 4-5, 2001. Reportagem relativa à cerimônia realizada pelo IHGSP em 4.5.2001, acompanhada de análise do significado da atuação de Marie Rennotte como educadora e médica (incluindo reprodução fac-similar de seu artigo 'A mulher é uma força ativa na sociedade', publicado no nº 9 da revista *A Mensageira*, em 1898).
- De Luca, Leonora *A Mensageira: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira.* Dissertação de mestrado, Campinas, IFCH-Unicamp (mimeo.), 1999. Análise do conteúdo da revista mantida por Prisciliana Duarte na São Paulo do final do século XIX sob a perspectiva da teoria sociológica e da história do pensamento, enumerando-se diversas menções a Marie Rennotte, especialmente nas pp. 204 e 557-9.
- Freire, Laudelino *Sonetos brasileiros.* 2ª ed., Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1916.
- Goldman, Frank P. *Os pioneiros americanos no Brasil: educadores, sacerdotes, covos e reis.* Trad. do inglês por Olívia Krähenbühl. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1972. Histórico pormenorizado do movimento migratório dos Estados Unidos para o Brasil no imediato pós-guerra de Secessão (1861-65); confirma as presenças das famílias Ellis e MacIntyre nesse êxodo (pp. 106 e 113-4); no oitavo e último capítulo, 'Canaã' (pp. 157-80), estudam-se as conotações religiosas e político-ideológicas do movimento (destacando-se o papel pioneiro de Martha Watts e seu Colégio Piracicabano, nas pp. 168-9); Robert McIntyre e esposa, pais de Pérola Byington, são citados na p. 168.
- Gussi, Alcides Fernando *Os norte-americanos (confederados) do Brasil: identidades no contexto transnacional.* Campinas, Centro de Memória-Unicamp, 1997. Obra baseada na dissertação de mestrado desse antropólogo apresentada à Unicamp em 1996. Recapitulando a história da imigração dos sulistas norte-americanos nas décadas de 1860 e 1870 para a região hoje ocupada pelos municípios paulistas de

- Americana e de Santa Bárbara d'Oeste (mas que chegou a abranger uma área ainda maior, que englobava Piracicaba, Rio Claro, Limeira, Capivari e Campinas), Gussi reporta-se a estudos de Maria Lúcia Spedo Hilsdorf relativos à importância estratégica das escolas confessionais protestantes (batistas, metodistas e presbiterianas, principalmente), colocando em evidência o papel desempenhado pelo Colégio Piracicabano (pp. 109-11) e pelas lojas maçônicas aqui fundadas por estadunidenses (pp. 111-3).
- Hilsdorf, Maria Lúcia Spedo 'Os anjos vão ao colégio: Rangel Pestana e a educação feminina'. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, vol. 53, pp.47-56, jan.-dez. 1995. Especializada em história da educação, esta docente da USP é autora da dissertação de mestrado *Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo: um estudo de suas origens* (USP, 1977) e da tese de doutoramento *Francisco Rangel Pestana: jornalista, político e educador* (USP, 1986), ambas indispensáveis para o entendimento do complexo contexto histórico-político-ideológico em que se insere a criação do Colégio Piracicabano (em 1881) e a atuação pedagógica progressista de um dos mais destacados líderes republicanos, Rangel Pestana (1839-1903), que, ao lado de Prudente de Moraes e Joaquim Mursa, integrou o triunvirato responsável pela administração do estado de São Paulo nas primeiras semanas que se seguiram à proclamação da República. O artigo em epígrafe baseia-se no terceiro capítulo da tese de doutoramento da professora, retratando a situação da educação na província paulista dos anos 1870 e 1880 e abordando a participação do professor João Köpke nos projetos idealizados por Rangel Pestana e pela esposa deste, Damiana Quirino Rangel Pestana.
- Hilsdorf, Maria Lúcia Spedo *Tempos de escola: fontes para a presença feminina na educação (São Paulo — século XIX)*. São Paulo, Plêiade Editora, 1999. Compilação de dados relativos aos primórdios da educação feminina paulista; traz, entre outros dados, indicações relativas aos primeiros anos de funcionamento do Colégio Piracicabano (pp. 50-2).
- Lacaz, Carlos da Silva *Faculdade de Medicina: reminiscências, tradição, memória de minha escola*. São Paulo, edição do autor (impressa por C. L. R. Balieiro Editores), 1985. Histórico pormenorizado da implantação do ensino médico na capital paulista, incluindo (p. 12) dados relativos à primeira turma de formandos da faculdade (1913-18).
- Lapouge, Maryvonne e Pisa, Clelia *Brasileiras: voix, écrits du Brésil*. Paris, Éditions des femmes, 1977. Coletânea de entrevistas realizadas pelas autoras com mulheres representativas do Brasil contemporâneo, o volume apresenta, entre as pp. 239 e 244, o texto 'Une vieille dame: doctoresse Carlota Pereira de Queiroz', que retrata a médica paulista, já octogenária e aposentada, visitada na residência de suas sobrinhas, entre as quais se encontra a ilustre socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz. Na p. 242, obtemos a confirmação de que sua observação pessoal da atuação da doutora Marie Rennotte, por volta de 1900, foi fator decisivo para a escolha posterior de sua própria carreira profissional.
- Leme, Pedro Luiz Squilacci 'A Santa Casa de São Paulo e os conflitos militares de 1924 e 1932'. Suplemento Cultural nº 107 do *Jornal da Associação Paulista de Medicina*, São Paulo, set. 2000, pp. 1-3. Embora não traga referências diretas à atuação de Marie Rennotte e Carlota Pereira de Queiroz (nas revoluções, respectivamente, de 1924 e 1932), o artigo de Squilacci Leme fornece um retrato vívido da situação enfrentada pela população paulistana em meio àqueles conflitos, tornando-se útil para a contextualização histórico-biográfica de ambas.
- Lima, João Francisco de *Ana Néri: heroína da caridade*. São Paulo, Nova Época Editorial, 1977. Esta biografia inclui a transcrição de elogios fúnebres e reportagens relativas ao sepultamento de Ana Néri, no Rio de Janeiro de 1880 (cap. 8, pp. 194-9); no mesmo capítulo, pp. 203-5, documenta-se a inauguração do retrato a óleo da patrona das enfermeiras do Brasil na sede da Cruz Vermelha Brasileira, em 1925, em cerimônia encerrada com um discurso da doutora Marie Rennotte.

- Monteiro, Eduardo Carvalho *Anália Franco: a grande dama da educação brasileira*. São Paulo, Editora Eldorado Espírita, 1992. Documentário de reconstituição da atuação de Anália Franco, incluindo, nas pp. 138 e 140, menções nominais a Marie Rennotte.
- Moraes, Irany Novah 'Alma acadêmica'. Suplemento Cultural nº 108 do *Jornal da Associação Paulista de Medicina*, São Paulo, p. 2, nov. 2000. Histórico da instituição da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1895), rebatizada Academia de Medicina de São Paulo em 1953. Faz o arrolamento dos médicos então radicados na cidade, responsáveis pela eleição de Pereira Barreto para a presidência da sociedade em fevereiro de 1895, e, poucos meses depois, pela admissão da doutora Rennotte.
- Mott, Maria Lúcia de Barros 'Madame Durocher, modista e parteira'. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1º semestre 1994, pp. 101-16. No artigo, a historiadora delinea a biografia da bem-sucedida imigrante francesa Maria Josefina Durocher (1809-93), admitida na Academia Imperial de Medicina em 1871; primeira mulher a diplomar-se parteira pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, madame Durocher teria se antecipado à atuação das primeiras médicas obstetras do Brasil (tanto na forma de se trajar como em sua maneira direta de intervir na sociedade com propostas de cunho filantrópico). O assunto já havia sido abordado por essa mesma autora no livro *Submissão e resistência: a mulher na luta contra a escravidão* (São Paulo, Editora Contexto, 1988), em que era analisado (pp. 68-70) o projeto abolicionista elaborado pela Durocher em 1871, modalidade de intervenção que a tornava precursora imediata do ativismo pregado por Marie Rennotte nas duas décadas seguintes. Partindo desse estudo de caso, Barros Mott insere posteriormente suas pesquisas em um quadro mais abrangente, na tese de doutoramento *Partos, parteiras e parturientes: madame Durocher e sua época* (USP, 1998).
- Neme, Mário A. *Piracicaba: documentário*. Piracicaba, João M. Fonseca, 1936. Na seção educacional deste documentário, incluem-se histórico relativo ao Colégio Piracicabano (pp. 199-200), com a reprodução textual de declarações de Prudente de Moraes a seu respeito, e uma descrição do Colégio de Nossa Senhora da Assunção (pp. 202-4).
- Prado, Antônio de Almeida *Escolas de ontem e de hoje: reminiscências e evocações*. São Paulo, Anhambi Editora, 1961. Neste volume de memórias escolares do professor de clínica médica Antônio de Almeida Prado (1889-1965), formado no Rio em 1912, docente da nova Faculdade de Medicina de São Paulo (instalada no ano seguinte) desde 1916, reproduz-se, nas pp. 148 e 149, uma fotografia dos alunos da primeira turma desta faculdade, graduada em 1918; entre eles encontram-se as duas primeiras médicas diplomadas em território paulista, Délia Ferraz e Odete Nora.
- Reis Filho, Casemiro dos *A educação e a ilusão liberal: origens do ensino público paulista*. 2ª ed., Campinas, Autores Associados, 1995. Obra especialmente útil para o estudo do contexto político-ideológico em que se dá a reforma do ensino público no âmbito paulista, ao longo dos anos 1890, com destaque para o papel desempenhado por Rangel Pestana (pp. 42-4), pelo professor João Köpke (pp. 47-8) e pelos médicos Caetano de Campos (pp. 48-9 e 51-87) e Cesário Mota (pp. 103-14).
- Rennotte, Marie *Influência da educação da mulher sobre a medicina social*. Tese de doutoramento em medicina, apresentada à Faculdade de Medicina e de Farmácia do Rio de Janeiro, 'a fim de poder exercer a sua profissão na República dos Estados Unidos do Brasil'. Rio de Janeiro, Typographia Aldina, 1895. Um dos raros exemplares dessa dissertação, originalmente endereçado a Prudente de Moraes (com dedicatória autógrafa da autora), encontra-se no Museu Republicano de Itu, com cópia no Museu do Ipiranga. Abrindo-se a obra com a dedicatória às amigas Martha H. Watts e Ana Maria de Moraes Burchard, compõe-se ela do corpo da tese (argumentação apresentada em três partes, da

- p. 7 à p. 29), de uma série de proposições doutrinárias (“Três sobre cada uma das cadeiras da Faculdade”, páginas seguintes até p. 44), mais uma última página, de aforismos latinos (p. 45).
- Ribeiro, Arilda
Inês Miranda *A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas (1863-1889)*. Campinas, Centro de Memória-Unicamp, 1996. Estudo monográfico derivado da dissertação de mestrado (Unicamp, 1987) desta educadora relativo a um dos mais importantes colégios femininos particulares do interior paulista no período imperial. Inclui observações relativas a cada um dos professores da escola, sendo de particular interesse (nas pp. 64-73 e 99-104) a caracterização da atuação do professor João Köpke, que, lecionando em dois diferentes colégios de Campinas no início dos anos 1880 (no Culto à Ciência e nessa escola feminina de Carolina Florence), representou papel idêntico àquele desempenhado coetaneamente pela mestra Marie Rennotte no Colégio Piracicabano; fluminense de Petrópolis, filho do célebre educador português Henrique Köpke, João Köpke (1853-1926) adota, no ensino de ciências naturais, referencial ideológico e metodológico avançado, antípoda da ausência de conteúdos concretos ou de finalidades práticas que caracterizava o ensino ministrado por religiosas como as irmãs de São José de Chambéry, do itiano Colégio do Patrocínio (fundado em 1859).
- Rodrigues, Leda Maria
Pereira
(madre Maria Ângela) *A instrução feminina em São Paulo: subsídios para sua história até a proclamação da República*. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1962. As inovações introduzidas no ensino particular feminino paulista durante o último quartel do século XIX são descritas no cap. IX deste livro (pp. 163-94), no qual salientam-se as contribuições de Rangel Pestana e sua esposa Damiana Quirino (pp. 187-8), assim como o trabalho pioneiro de Martha Watts e Marie Rennotte na Piracicaba dos anos 1880 (pp. 192-4).
- Schumacher, Schuma e
Brazil, Érico Vital (org.) *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000. Entre muitos outros verbetes biográficos de interesse (acompanhados das respectivas fontes bibliográficas), traz informações detalhadas a respeito de Carlota Pereira de Queiroz (pp. 129-30) e Viridiana Prado (pp. 520-1).
- Silva, Alberto *A primeira médica do Brasil*. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti Editores, 1954. Biografia da primeira médica formada no Brasil, Rita Lobato Velho Lopes, acrescida de informações a respeito do exercício feminino da profissão desde o século XVIII. O apêndice das pp. 215-33 fornece relação nominal de todas as médicas que se diplomaram ou que revalidaram seus diplomas na Faculdade de Medicina da Bahia, de 1887 até 1951.
- Wright, Marie Robinson *The new Brazil*. Filadélfia, George Harris & Son, 1901

PERIÓDICOS DE ÉPOCA

- Almanach Litterario de São Paulo*
(São Paulo, 1876-85) Abrangendo a publicação de oito anuários, esta série de almanaques editada por José Maria Lisboa mostra-se particularmente útil para o estudo da evolução dos conceitos educacionais no final do Império, em um período em que a província passava por acelerada modernização. Destaque-se, no *Almanaque para o ano de 1877*, pp. 180-1, o detalhado anúncio do “colégio para meninas em São Paulo dirigido por Francisco Rangel Pestana e dona Damiana Quirino Rangel Pestana”. O *Almanaque para o ano de 1884* traz, nas pp. 209-11, uma incisiva declaração de princípios pedagógicos embutida na matéria ‘A diretoria do Culto à Ciência no biênio de 1880-1882’, de autoria do professor João Köpke; uma detalhada biografia de Köpke (pp. 225-9) assinada por Rangel Pestana; um artigo em que Damiana Pestana expõe (apoiada em citação spenceriana) suas próprias idéias a respeito da educação infantil (pp. 235-8) e um texto extraído da *Astronomie populaire* de Camille Flammarion, traduzido

do francês por Ana Maria de Moraes Barros em 'Piracicaba, julho de 1883' (pp. 219-24). O último anuário da série, *Almanaque para o ano de 1885*, inclui duas novas matérias assinadas por Ana Maria de Moraes Barros: a primeira delas (pp. 155-6) é identificada como 'composição de uma aluna do Colégio Piracicabano, lida nos exames públicos em dezembro de 1882'; a segunda (pp. 233-6) corresponde a uma crônica de elaboração mais recente ('Piracicaba, 11 de agosto de 1884'); cabe notar que essa moça, filha primogênita de Manuel de Moraes Barros e sobrinha de Prudente de Moraes, ex-aluna de Marie Rennotte, será posteriormente saudada pela imprensa paulistana (depois de casada com o rico empresário alemão Hermann Burchard e de adotar o nome de Ana Maria de Moraes Burchard) como uma das mais relevantes beneméritos da capital, de decisiva atuação na fundação da Maternidade de São Paulo pelo doutor Bráulio Gomes (1894).

A Mensageira
(São Paulo, 1897-1900)

Nesta 'revista literária dedicada à mulher brasileira', dirigida por Prisciliana Duarte de Almeida (que doou ao IHGSP uma coleção completa, abrangendo 36 números distribuídos em dois volumes, reeditados sob forma fac-similar pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo em 1987), Marie Rennotte é mencionada nos noticiários do nº 1 (de 15.10.1897), pp. 15-6 do vol. I e do nº 25 (de 15.2.1899), p. 23 do vol. II. O nº 9 (de 15.2.1898), pp. 141-2 do vol. I, traz um conciso ensaio de autoria da médica, 'A mulher é uma força ativa na sociedade'.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
(São Paulo, 1937-44)

Editada desde 1895, mas com periodicidade irregular, a revista traz referências sumárias à atuação da sócia Marie Rennotte nos volumes XXXIII a XLIII, publicados no período de 1937 a 1944. Vol. XXXIII (1937): nas pp. 421-2, as atas das sessões datadas de 25.1 e 6.2.1922 antecipam e depois registram sua conferência em homenagem à princesa Isabel ('Uma heroína brasileira'); na p. 423, a ata da sessão extraordinária de 13.2.1922 refere-se ao aparelho de projeção doado à instituição pela médica; na p. 442, descreve-se a conferência relativa a Ana Néri proferida por Rennotte em 5.3.1923. Vol. XXXIV (1938): na p. 768, a ata da sessão datada de 5.3.1938 registra o voto de congratulações remetido ao interventor federal paulista pela concessão de pensão vitalícia à doutora Rennotte. Vol. XXXV (1938): nas pp. 357-8, comenta-se (ata correspondente à sessão datada de 21.10.1929) o adiamento de uma nova conferência de Marie Rennotte, 'A mulher brasileira na história', que será apresentada a seguir, ainda nessa mesma semana, em 25.10.1929. Vol. XXXVIII (1940): nas pp. 283-4 (ata da sessão de 25.10.1935), transcrevem-se referências às deficiências visual e auditiva de Rennotte, observadas em sua visita ao instituto em 8.10.1935. Vol. XLIII (1944): na p. 365, Marie Rennotte já está incluída na relação de sócios falecidos em 1942; na p. 382, a ata da sessão datada de 5.2.1943 refere-se ao elogio fúnebre da médica proferido pelo amigo e consócio Félix Soares de Melo.

O Estado de S. Paulo
(São Paulo, 1942)

Nos últimos quarenta dias de 1942, o jornal publicou uma seqüência de três elogios fúnebres. O primeiro deles, 'Dra. Maria Rennotte' (edição nº 22.458, do domingo dia 22.11.1942, p. 3) não é assinado, praticamente se limitando a lembrar aos leitores quem tinha sido aquela idosa senhora falecida e sepultada na véspera. O segundo, de autoria de Mário Guastini, 'Uma grande benemérita' (edição nº 22.459, da terça-feira dia 24.11.1942, p. 3) já se refere à sua atuação como médica e filantropa, chamando-a 'perdulária da bondade', pela generosidade que acabara reduzindo-a à penúria. A seqüência fecha-se com a transcrição, na edição nº 22.489 (de 30.12.1942, p. 6), sob a epígrafe 'Cruz Vermelha Brasileira', de um discurso no qual Ana Maria de Revoredo recapitulava a biografia de Rennotte. Esta última matéria é acompanhada de um pequeno clichê reproduzindo aquela que deve ter sido a última fotografia da doutora.